

Brincadeiras de crianças: Questões de gênero

***Laís Lourrany da Silva Carvalho (IC) laislourranydasilva@gmail.com**

Co-autora Lúcia Gonçalves de Freitas (PQ)

UEG-Jaraguá, Av. Diva de Freitas, s/n. Jaraguá-GO. 76330-000

RESUMO

O propósito deste relatório é apresentar nosso trabalho de iniciação científica sobre a socialização de crianças em brincadeiras no recreio escolar em relação a seus papéis de gênero. A pesquisa tem uma base etnográfica que se baseou em transcrições de vídeos gravados na hora do recreio, no momento de brincadeiras de criança, em uma escola da educação infantil em Jaraguá em 2014 e também de observações pessoais durante um estágio em outra escola de educação infantil em 2017. As análises são feitas com o auxílio de um referencial bibliográfico de Estudos de Gênero na Educação (LOURO, 1997; RIBEIRO, 2006; CHECHIN-SILVA, 2012; SOUZA, 2008; VIANA-FINCO, 2009) e Linguagem (Van LEEUWEN, 2004; CALDAS-COULTHARD, 2004; JOBIM, 1994; LEITE, 2002; VYGOTSKY, 1998; OLIVEIRA, 2000). Como resultados, apresentamos algumas cenas transcritas dos vídeos e de nossas observações de campo para discutir como são as brincadeiras das crianças no recreio, que tipos de brinquedos e atividades que são desenvolvidas e como são divididas as crianças nessas brincadeiras com relação a seus respectivos papéis de gênero. Ao final, discutimos a relação escola/brinquedo e equidade de gênero.

Introdução

O presente relatório expõe uma discussão interdisciplinar sobre a relação, brincadeira, socialização de crianças e questões de gênero. Nosso foco recai sobre as construções de gênero e seus estereótipos em brincadeiras infantis no contexto da escola e da educação nas séries iniciais. Nosso objetivo é desenvolver uma análise referenciada por teorias de gênero (LOURO, 1997; SOUZA, 1994; NUNES, 2002; STOLLER, 1993) e linguagem (Van LEEUWEN; CALDAS-COULTHARD, 2004; PAPALIA, OLDS, FEDMAN, 2010) dentro de propostas feministas sobre transcrições de vídeos que mostram crianças interagindo no horário do recreio em uma escola pública de Jaraguá em 2014 em comparação com observações de campo coletadas durante o estágio do curso de Pedagogia em 2016-2017.

No decorrer da pesquisa, também desenvolvemos um levantamento bibliográfico sobre a relação das brincadeiras de criança com a construção de gênero sob uma perspectiva de estudos de linguagem e feminismo. Nosso objetivo foi refletir sobre de que forma o contexto escolar se orienta para questões de equidade de gênero, infância, brincadeiras e brinquedos.

Neste texto, apresentamos os resultados desse trabalho, que não se encerra neste texto, uma vez que pretendemos ainda continuar as reflexões ao longo do ano corrente e do próximo,

momento em que iremos redigir nosso Trabalho de Conclusão de Curso. Assim, para os limites deste relatório, retomamos os passos da pesquisa e apresentamos uma análise das cenas transcritas dos vídeos e de nossas observações de campo para discutir como são as brincadeiras das crianças no recreio, que tipos de brinquedos e atividades que são desenvolvidas e como são divididas as crianças nessas brincadeiras e seus respectivos papéis. Ao final, discutimos a relação escola/brinquedo e equidade de gênero.

Material e Métodos

A análise que apresentamos, aqui, incide sobre um corpus gerado a partir de dezenove gravações de vídeos de crianças interagindo no recreio escolar em uma escola pública de Jaraguá em 2014. Esse material foi levantado, durante uma atividade de extensão, e as transcrições foram realizadas logo após as filmagens, que aconteceram ao longo de um semestre escolar naquele ano. O projeto de iniciação científica que originou este texto tomou este material com fonte de dados e acrescentou outra coleta baseada em observações sobre interações de crianças em horário escolar durante o nosso estágio do Curso de Pedagogia da UEG-Jaraguá.

No estágio, desenvolvemos um olhar mais amplo sobre as brincadeiras das crianças. Nessa etapa, toda semana, ao longo do primeiro semestre de 2017, geralmente uns três dias de cada semana, fazíamos anotações em meu caderno de estágio ao observarmos as interações de crianças no recreio, os equipamentos escolares para brincadeiras e as atividades de recreação. Tivemos contato com 24 crianças do Jardim II de uma escola pública de Jaraguá, sendo elas na faixa etária entre 5 a 6 anos. Havia 13 meninas e 11 meninos.

Como referencial metodológico para a geração de dados, utilizamos técnicas etnográficas, que se baseiam no estudo da cultura e do comportamento. O foco recai sobre as crianças e suas brincadeiras. Para analisar as transcrições e anotações de observação não participante, baseamos-nos em um referencial teórico de Estudos de Gênero e Educação. Nesses estudos, contesta-se que as diferenças entre meninos e meninas são explicadas a partir de argumentos biológicos deterministas. Tais discursos ensinam que meninos são naturalmente mais agressivos, assertivos e racionais do que as meninas, adotando uma visão essencialista que simplifica as complexas relações de poder das práticas culturais da masculinidade, que defendem a dimensão cultural e social da identidade de gênero, entendendo a cultura como um horizonte de lutas, representações e significações.

Para Louro (1997, p. 77), gênero refere-se “ao modo como as diferenças sexuais são compreendidas numa dada sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto. Onde não é a diferença sexual entre os sexos que determina as questões de gênero, mas sim as maneiras que são representadas numa dada cultura”. Nesse sentido, os brinquedos podem reproduzir padrões de comportamento social que se alinham a determinadas convenções de gênero e que nem sempre beneficiam relações equitativas, e, às vezes, pelo contrário, promovem preconceitos e assimetrias arbitrárias. Os brinquedos e as brincadeiras são meios em que as crianças usam para interagir, se

desenvolver e comunicar, pois através de algumas dessas ações elas usam algo ou alguém para brincar e com isso elas apropriam conceitos e inteligências a mais (NUNES, 2002).

Sob a ótica dos Estudos de Gênero, a atividade de brincar e os brinquedos seguem direcionamentos sociais preestabelecidos: brinquedos femininos, por exemplo, propagam práticas domésticas, onde, são baseadas em cuidar de bebês e casa. Bonecas e bonecos reproduzem o sistema patriarcal; com congraçamento com CALDAS-COULTHARD e VAN LEEUWEN, 2004: as bonecas são submissas aos bonecos; bonecos que abrem as pernas e as bonecas não; os bonecos ficam em pé sozinhos e as bonecas não (seus pés sempre vêm no jeito de colocar apenas sandálias de salto alto); os bonecos seguram objetos e a maioria das bonecas não; os bonecos movem a cabeça somente para o lado direito e esquerdo e as bonecas para o lado direito e esquerdo, para cima e para baixo, demonstrando que a mulher pode abaixar a cabeça e se redimir, perante um homem que não pode fazer isso e que somente de cabeça erguida, relacionando-se à questão de orgulho e principalmente ao poder.

Considerando que brinquedos são utilizados pelas crianças como uma forma de entender o mundo, pois transmitem relações do mundo e das práticas sociais onde estão inseridas, nossas análises se direcionaram para a compreensão de como as crianças que filmamos e observamos se comportam em eventos de brincadeiras. Nossos objetivos essencialmente são: descrever e discutir como são as brincadeiras das crianças no recreio; que tipos de brinquedos e atividades são desenvolvidos e como são divididas as crianças nessas brincadeiras e seus respectivos papéis de gênero. Ao final, discutimos a relação escola/brinquedo e equidade de gênero.

Resultados e Discussão

Para iniciar, mostramos uma transcrição de vídeo, que foi realizada num momento de lazer das crianças, em um clube:

Os meninos estão todos misturados na piscina, um dos meninos maiores está com uma bola, indo de um lado para o outro na intenção de ninguém pegar a bola que está com ele, um dos meninos que está na piscina grita: "João Vitor!" chamando a atenção dele para jogar a bola para ele que estava do outro lado e ele joga a bola, e continuam brincando na piscina sempre com os grupinhos formados de meninas e de meninos separados, uma menina que está fora da piscina chama uma menina que está dentro da piscina para chegar perto da beira da piscina para ela falar alguma coisa para ela, enquanto isso pode-se ouvir uma menina que grita: "_ Licença!" Algumas meninas ficam andando na beira da piscina e um menino fica só observando escorado de costas em um rolo que tem perto da piscina, as meninas sempre rindo e dando gritinhos e algumas meninas pulam na piscina e dão gritinho e risadas, um menino brinca de afundar a cabeça na água, uma menina pega a outra e afunda a cabeça dela na água e ela vira e vai atrás dela para descontar o que ela fez e empurra a cabeça dela mas não consegue afundá-la na água e tenta revidar de novo, sempre sorrindo e gritando. E sai uma atrás da outra as meninas sempre juntas uma grudada nas costas da outra brincando, duas meninas estão na beira da piscina sentadas e conversando e um menino tenta puxar o pé delas para jogá-las dentro da piscina e elas tentam escapar, empurrando o pé nele na intenção que ele pare de puxá-las e como sempre, dando gritos. Os meninos falam o tempo todo, algumas meninas de dentro da piscina tentam chamar alguma colega que está do lado de fora, sempre da mesma forma meninas juntas, não se separam e os meninos ficam junto com os meninos, mas não tão apegados quanto às meninas e às vezes fazem

brincadeiras com as meninas mostrando ser mais fortes ou dominantes. Meninas brincam de pular dentro da piscina e de flutuar, meninos brincam de correr ou nadar dentro da água, tomar a bola um do outro, as meninas tentam tomar a bola dos meninos e quando conseguem as duas meninas se unem e sorriem e gritam por terem conseguido. (Transcrição do vídeo 00022 do dia 07-10-14)

A interação entre as crianças reproduz papéis socialmente determinados. Ao observarmos o que foi citado na transcrição do vídeo 00022 _ “Os meninos falam o tempo todo..., sempre da mesma forma meninas juntas, não se separam e os meninos ficam junto com os meninos, mas não tão apegados quanto às meninas e às vezes fazem brincadeiras com elas, mostrando ser mais fortes ou dominantes”, percebemos o que Louro (1997 p. 61) compreende como: “O modo de sentar e andar, as formas de colocar cadernos e canetas, pés e mãos acabariam por produzir um corpo escolarizado, distinguindo o menino ou a menina que passara pelos bancos escolares”. Conforme a autora, a escola seria o campo em que separa, e delimita espaços, em que separa o adulto da criança, e meninos de meninas e que estimula essa idealização patriarcal, definindo papéis para os gêneros.

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos — tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. (Louro, 1997 p. 57)

Em algumas transcrições é possível observamos comportamentos em comum com as crianças no estágio, pois é nítido que as meninas comportam-se de forma afetiva entre si, esses modos quase não são percebidos nas atividades dos meninos; Viana e Finco (2009), dizem:

É também considerado comum que meninas e meninos desenvolvam seus comportamentos e potencialidades no sentido de corresponder às expectativas quanto às características mais desejáveis para o masculino e para o feminino. Esse aspecto aparece nos relatos de várias professoras entrevistadas:

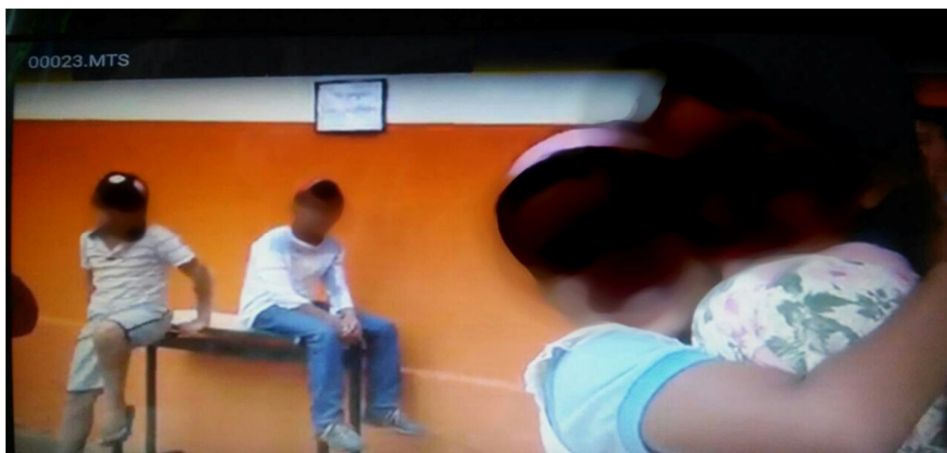
Normalmente as meninas são mais tranquilas que os meninos. As meninas falam muito e os meninos são mais agitados assim com o corpo. As classes com mais meninos são mais agitadas. As meninas, eu costumo chamá-las de princesas, então é uma relação mais meiga, mais doce mesmo. E os meninos são os meus rapazes,... os meus rapazes são mais ativos, gostam de correr, de pular, não param quietos no lugar. As meninas são mais meiguinhas, são mais dóceis, mais caprichosas, mais atenciosas. Os meninos gostam mais de brincar, são mais descuidados, mais agitados, tem uma diferença muito grande. Eu não tenho um aluno que tem o capricho de muitas meninas, a maioria dos meus meninos faz as coisas de qualquer jeito, não tem cuidado, não é caprichoso, deixa as coisas jogadas, não tenho menina que deixa o estojo jogado no chão. Os meninos não têm muita paciência para se apegar nos detalhes das atividades, eles querem acabar logo para poder brincar, para ficar livre. As meninas já são mais cuidadosas, se preocupam com detalhes. Elas se preocupam com o que eu vou achar do trabalho delas, os meninos não estão nem aí.

As observações de Viana e Finco, correspondem com a transcrição do vídeo 00011, em que, na hora da sua recreação, as meninas são sempre mais discretas e os meninos desinquietos.

Uma turma de meninos brinca e dão gargalhadas de outro que caiu no chão após ser empurrado, os meninos sempre muito agitados um dá uma pirueta e logo após outro dá uma pirueta também, uma turma de meninas desse as escadas e se sentam sempre unidas e seguradas nas mãos e ajudando umas as outras se sentam e ficam só

observando os meninos, um menino enrola a blusa de frio e sai correndo atrás do outro para tentar acertá-lo, a professora no fundo conversa com outros meninos que estão brincando em cima de uma árvore. Alguns meninos começam a brincar um agacha para que outros meninos pulem por cima dele, outros garotos fazem o mesmo revezando um agacha e o outro pula por cima deles um mostra a posição perfeita para que ele possa pular por cima. Uma turma de meninas em cima só observa a brincadeira dos meninos comentando, rindo, gesticulando bem reservadas e quietas no canto delas sempre de turma. Uns meninos pulam, caem no chão, empurram uns aos outros para que caiam e uma turma de meninas sentadas na escada ficam observando e uma delas dança de maneira disfarçada a música que está tocando do aparelho musical de um menino que também está no meio da brincadeira dos garotos. Um menino vem correndo derrubando os outros meninos e passa a rasteira no outro menino de maneira violenta o derrubando e pega e o levanta, agarrando nas suas pernas e sai, sorrindo, como se estivesse feliz por ter feito isso com o colega. E o menino levanta e vem passando a rasteira nele, como forma de se vingar. Da mesma maneira que o outro fez com ele. Outro menino brinca da mesma forma, passando a rasteira no outro e o derrubando, são brincadeiras violentas a todo o momento, empurra, empurra meninos que caem no chão e as meninas de turma só observando tudo.

Os meninos são idealizados como seres agitados, agressivos, violentos, entre outros; devido essa idealização, os meninos às vezes agem de modo a não serem considerados “diferentes”, onde Louro (pg. 48) diz; “Assim, aqueles homens que se afastam da forma de masculinidade hegemônica são considerados diferentes, são representados como o outro...”



Meninas se abraçando enquanto os meninos as observam (vídeo 00023 /13/10/ 2014)

Nos vídeos e no estágio, percebemos que as crianças se assemelham bastante nos gostos por produtos das mídias; principalmente nas músicas, onde as crianças cantam e reproduzem a mesma coreografia, principalmente músicas como o funk. Também se assemelhando uso de algumas roupas e sapatos, tanto os meninos como as meninas escolhem calças jeans, blusas e tênis que não configuram marcas de gênero necessariamente. Em suas brincadeiras ficam muito focadas em produtos midiáticos. O imaginário não é estimulado, pois não saem do sistema consumista, e alguns profissionais de educação da escola não incentivam o brincar em suas recreações, sobre a questão Jobim e Souza, dizem que:

Para a criança, o brinquedo preenche uma necessidade; portanto a imaginação e a atividade criadora são para ela, efetivamente, constituidoras de regras de convívio com a realidade. (...) as crianças não se limitam a recordar e reviver experiências

passadas quando brincam, mas as reelaboram criativamente, combinando-as entre si e edificando com elas novas possibilidades de interpretação e representação do real de acordo com suas afeições, suas necessidades, seus desejos e suas paixões. (Jobim e Souza, p.148).

As brincadeiras mais frequentes das crianças em meu estágio são aquelas com pecinhas, macinhas, vídeo games, bonecas, carrinhos; apenas no horário de sua recreação elas correm uma atrás da outra, sem ocorrer uma brincadeira “significativa”; brincadeiras essas que elas ficam quietas, e separadas por sexos, pois classificam os brinquedos para cada criança; e é onde elas se socializam apenas com seu grupo, com crianças do seu mesmo sexo.



Meninos brincando de passar rasteira um no outro no recreio (vídeo 00011/14/10/ 2014)

Chama-nos a atenção o fato de que as crianças reproduzem idealizações patriarcais e que professoras não conduzam outros modos que possam sugerir às crianças algo a fazer, usar ou falar, ouvimos o julgamento “isso (não) é coisa de menina/menina”. Percebemos que na hora do recreio, as crianças apenas correm de um lado para outro, uma atrás da outra, porém meninos com meninos e meninas com meninas, com algumas exceções em que havia meninas com meninos, porém, eram primos, mas logo um se distanciava do outro. A maioria das meninas fica sentada de turma conversando, mexendo uma no cabelo da outra, olhando unhas, mostrando roupas e os meninos correndo um atrás do outro. As professoras ficam olhando, separam quando há uma briga, que na maioria das vezes acontece com os meninos.

Conclusão

O vigente trabalho de Iniciação Científica tem na categoria, o gênero como seu principal foco de interesse, onde traz discussões sobre o papel da escola e da educação em relação às construções de gênero e seus estereótipos. Onde seus objetivos propostos, não foram todos obtidos, porém o trabalho não se encerra por aqui, pois objetivamos progredir com a nossa pesquisa, ao decorrer deste ano e do próximo.

O presente artigo analisou as distinções, as idealizações patriarcais impostas para os indivíduos, onde induzem esses conceitos desde crianças, fazendo com que separe papéis entre os sexos masculinos e femininos, onde fazem com que tenha uma discrepância entre os gêneros, que gera desigualdade a sociedade. E diligência de mostrar a importância de construir a sua própria identidade em que ajudará na igualdade.

Segundo Stoller(1993, p. 28), a identidade de gênero está relacionada à mescla de masculinidade e feminilidade em um indivíduo, significando que tanto a masculinidade como a feminilidade são encontradas em todas as pessoas, mas em formas e graus diferentes.

A hora do recreio é o momento das crianças se socializarem uma com as outras, de brincarem, se descobrirem, passar aquilo que elas sabem para as outras, é o momento de trocas de experiências.

Papalia, Olds e Feldman (2010) ressaltam que o processo de socialização é compreendido como fundamental para o desenvolvimento humano, brincando a criança experimenta, descobre, inventa, aprende e também confere habilidades, além disso, é estimulada pela curiosidade, autoconfiança e autonomia, desta forma, descobre a linguagem, o pensamento, a concentração e a atenção [...] quanto mais nova a criança, mais individual e egocêntrica é sua brincadeira, a medida que a criança cresce, seus jogos tendem a tornar-se mais interativos e cooperativos.

Os brinquedos e as brincadeiras são importantes momentos para a construção do gênero. Nos processos de socialização e formação de identidade das crianças, constroem-se práticas de escolha de brinquedos e de brincadeiras por gênero e por sexo e criam-se os estereótipos que, por sua vez, se refletem no uso dos brinquedos.

O trabalho não se encerra neste artigo, uma vez que pretendemos ainda continuar as reflexões ao longo do ano corrente e do próximo, momento em que iremos redigir nosso Trabalho de Conclusão de Curso.

O trabalho mostra, o quanto é importante o brincar na vida de um indivíduo; desde que as idealizações patriarcais deixam de perseverar na sociedade, para que a discrepância nas relações de gênero não se torne uma desigualdade na qual oprime o sexo feminino. Do mesmo modo, que não distingue papéis para cada sexo, onde cada indivíduo terá a verdadeira liberdade para construir sua própria identidade. Em outras pesquisas pode-se abrir espaços para perguntas sobre os seus brinquedos e brincadeiras realizadas em casa, e fazer uma análise das brincadeiras realizadas em casa e na escola.

Agradecimentos

Agradeço Programa de Bolsa Incentivo ao Pesquisador (PROBIP/UEG) da Universidade Estadual de Goiás e a orientadora Dr^a Lúcia Gonçalves de Freitas.

Referências

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e magistério: identidade, história e representação. In: CATTANI, Denise et al. (Org.). Docência, memória e gênero. Estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras, 1997

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista. 1997; Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/n46/a08n46> .

Acesso em 05 de abril de 2017.

NUNES, Angela. 2002, "No tempo e no espaço: brincadeiras das crianças A'uwe-Xavente". in: SILVA, Aracy Lopes da; NUNES, Angela; MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva Iorgl. Crianças indígenas: ensaios antropológicos, São Paulo, Editora Global. Coleção antropologia e educação. Acesso em 17 de julho de 2017.

PAPALIA, D.E.; OLDS, S.W.; FELDMAN, R.D.; Desenvolvimento Humano, 10. ed. Porto Alegre: Editora McGrawHill, 2010.

SOUZA, Solange Jobim e. Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 1994.

STOLLER, Robert. Masculinidade e feminilidade (apresentações de gênero). Porto Alegre: Artmed, 1993.

VAN LEEUWEN, T.; CALDAS COULTHARD, C. R. Discurso crítico e gênero no mundo infantil: brinquedos e a representação de atores sociais. Linguagem em discurso, Tubarão, v. 4, n. esp. P. 11-33, 2004.